

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 650

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SÉCULO

ARCINDO

O MEU AMIGO JEREMIAS

Por **MANUEL FERREIRA**

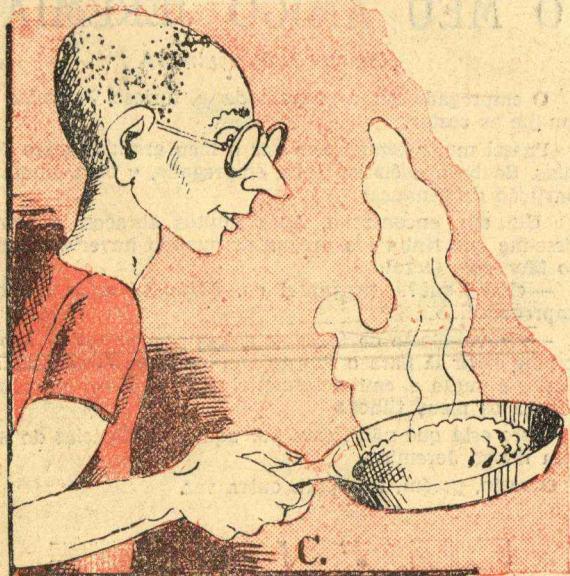
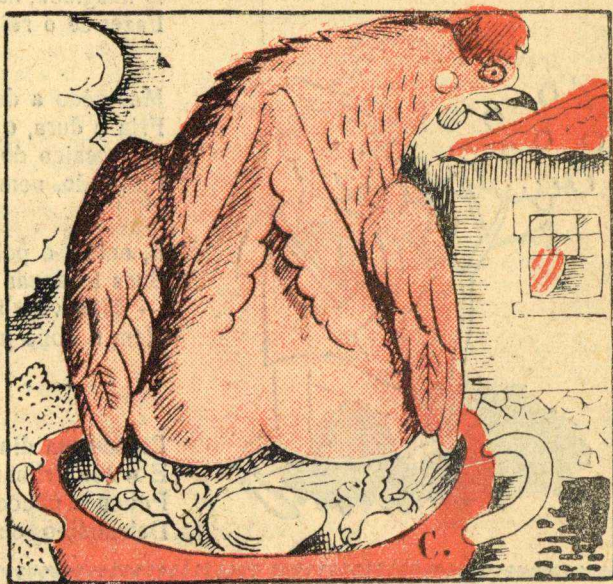
NÃO sei se conhecem o meu amigo Jeremias. É o que se chama, vulgarmente, um grande «número». Muito bom rapaz, não desfazendo, claro está, em quem me lê, foi meu companheiro de liceu e divertia-nos imenso com as suas peripécias. Alto, magro, de óculos de tartaruga, nariz esguio, cabelo rapado à escovinha, Jeremias era o tipo perfeito do compadre de revista. De fato aos quadradinhos e laçarotes, era único.

Uma vez, fui a casa d'ele, porque me convidou para almorçar. De passagem, dir-lhes-ei que muitas vezes nos juntámos, pois havia assuntos de estudo, da especial predilecção d'ele e da minha, que nos interessavam.

Ora sucede que, nesse domingo, a criada saiu, porque teve de acompanhar um irmão ao hospital. Estava atacado de preguiça crónica.

Jeremias, o nosso grande Jeremias, não teve outro remédio senão arranjar o almoço. Os seus créditos de cozinheiro andavam muito em baixo mas, enfim, fazia o que podia.

A idea d'ele era fazer uma omeleta de carne. Para isso é preciso carne e ovos. Jeremias picou muito bem a carne e, depois, deitou-a num prato. Acabada esta operação culinária, voltou a cozinha de alto abaixo, à procura de ovos.



Por azar, tinham-se acabado. Mas Jeremias não desanimou. Como tinha uma capoeira com galinhas, esperou que alguma, delas pusessem ovos.

Mas nada! Passaram-se mais de duas horas e, então, desanimado, resolveu-se a comer a carne picada, com pão.

Assim foi. Quando acabámos de comer a carne, ouviu-se cacarejar. Era uma galinha que havia acabado de pôr.

Já vêm os meus meninos que não é bom a gente contar com aquilo que não sabemos se existe.

Disse, então, a Jeremias que, primeiro, devia ver se havia ovos e só depois, no caso afirmativo, é que iria preparar a omeleta.

Jeremias cresceu e arrebitou. Chegou ao quinto ano do liceu e, um belo dia, aparece no Ministério das Colónias, a saber o preço das batatas e do bacalhau em Moçambique.

Preguntaram-lhe para que desejava êle saber isso e o nosso impagável Jeremias respondeu, lesto:

— «É que eu, ando no quinto ano do liceu. Este ano devo fazer exame e ficar bem. Daqui a pouco vou para o sétimo ano. Se receber aprovação, vou para a Escola Colonial, onde andarei quatro anos. Depois, saio chefe de posto e talvez vá para Moçambique.

Já vê que eu gosto de tratar das coisas com tempo...»

(Continua na página 2)

FLORES E FRUTOS

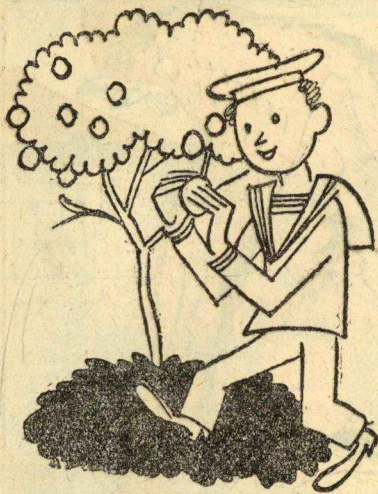
||| Por JUDITH DE OLIVEIRA AFONSO |||

UM hortelão, previdente,
Plantára no seu quintal
Um pessegueiro excelente,
Entre a ramada e o couval.

A terra era da melhor;
E o jovem pessegueirinho
Mostrou pujança, vigor,
Cresceu direito e verdinho.

Ao vê-lo, as outras fruteiras,
Pasmando dos anos seus,
Diziam-lhe prazenteiras:
— «Cresceis sem ordem de Deus!»

Entrando nêle a vaidade,
Mais belo deseja ser



E espera, numa ansiedade,
As flor's de que se há-de encher.

E, a sonhar nessa quimera,
Vai pensando extasiado:
— «Em chegando a Primavera,
Vou ficar transfigurado!»

Por fim, chegou êsse dia
Por que tanto suspirava...
Seu corpo já mal se via
Tam florido se encontrava!

Ficou num deslumbramento!
Julgou-se único, ideal!
E imaginou, num momento,
Fazer-se o rei do quintal.

Mas cêdo a desilusão,
Fria e dura, o castigou:
O prosaico do patrão,
Passando, nem se voltou!...

E, então, o pobre, a temer,
Suas tristezas desfia:
— «Não vale a pena viver!
Nem o dono me aprecia!...»

Passou um dia e outro dia,
E o seu brilhante vestido,
Pouco a pouco, lhe caía,
Deixando-o outra vez despido...



Mas eis que aperta o calor!
E aqueles restos mesquinhos,
Que em si deixou cada flor,
Tomam corpo; ei-los grandinhos!

E quando, enfim, lhe aparecem
Perfumados, madurinhos,
Já a todos apetechem...
E o dono enche-o de carinhos.

Vem um rancho de crianças,
— Os nêtinhos do hortelão...
; Quantos risos, quantas dansas,
Nêsse dia ali não vão!

A árvore, com surpresa,
Não sentiu mais amargura.
De pouco vale a beleza!
Só ser bom nos traz ventura!

■ F I M ■



O MEU AMIGO JEREMIAS

(Conclusão da página 1)

O empregado riu à gargalhada e, furioso, Jeremias voltou-lhe as costas.

Passei muito tempo sem ver o meu grande amigo Jeremias. Soube que êle se tinha empregado, e bem, numa repartição de Finanças.

Um dia, encontrei-o. Após muitos abraços, o homem disse-me que tinha ido perguntar quando haveria emprêgo no Montepio Geral.

— «Para quê? — perguntei eu. Então tu estás tão bem empregado!...»

— «Ouve. Gosto de fazer as coisas com tempo. É que eu vou-me casar lá para o fim do ano que vem. Oigo dizer que a crise é muita e, cautelosamente, ando já a ver se consigo colocar os meus filhos.»

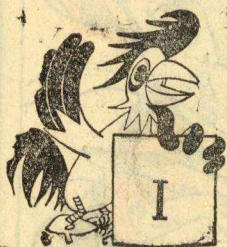
Claro está que não ficam por aqui as peripécias do meu bom amigo Jeremias.

O resto, porém, fica para outra vez.

≡ ≡ ≡ F I M ≡ ≡ ≡

SOVINICES DUM JUDEU

por ISABEL AREOSA



ISAAC era um judeu tão sovina, tão sovina como doutro não há memória. Nunca dava nada a ninguém; habitava um miserável casebre e o seu jantar

todos os dias se compunha de água, sal e palitos.

No entanto, a pior coisa que lhe podiam dizer era—que êle era sovina.

E para calar as bocas do mundo que o apelidavam de «o judeu sovina», gostava de armar em generoso.

Uma vez que êle ia na rua, perdeu um tostão.

Tôda a tarde se esfalfou em busca dêle. Andou de gatas, procurando-o entre as pedrinhas da calçada, pelas valetas e portais.

Caíu a noite e ainda êle andava em busca do tostão.

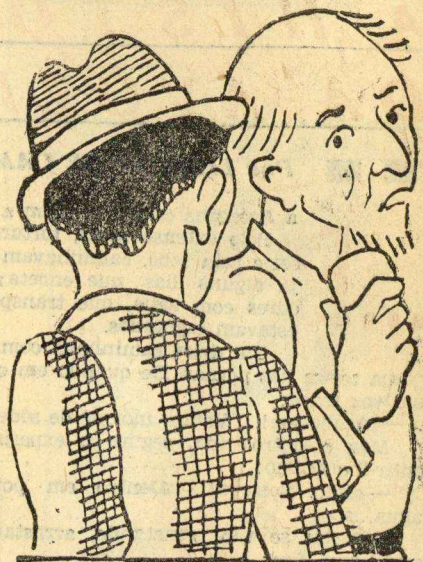
Rompeu a alvorada, começou o despertar da cidade, passaram os carros para os mercados, vieram os varredores da Câmara fazer a limpeza das artérias... e Isaac ainda não encontrara a sua moeda.

Então, dirigiu-se a um varredor das ruas e disse-lhe :

—«Eu perdi, há dezoito horas, um tostão. Se você o encontrar, já sabe que é meu e guarde-o para m'o entregar. Olhe, e se o não encontrar—sim, eu não sou para aí um sovina como dizem—se o não encontrar, pode ficar com êle que lh'o dou eu de gorjeta pelo seu trabalho de o procurar...»

Dizia-se que Isaac tinha muito dinheiro arrecadado. Porém, andava o mais andrajoso possível, nunca mudava de roupa, porque só tinha a que trazia no corpo, e as suas vestes andavam tão esfiampadas e sujas que inspiravam nojo a cinquenta metros de distância.

Sobretudo os pingos! Os pingos de



Isaac! Não se podia olhar para êle sem voltar a cara para o lado!

Um seu compatriota todos os dias lhe pregava um sermão.

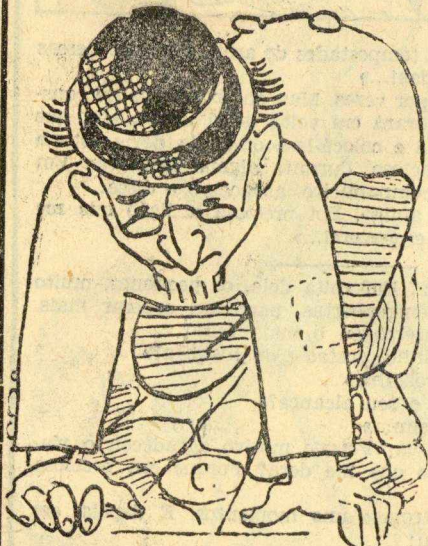
—«Amigo Isaac:—Lá que você não compre outros pingos, estou de acôrdo. Ninguém se deve meter em despesas supérfluas. Agora que você não ficava mais pobre por comprar um bocado de sabão para lavar êsses pingos... isso também é verdade!»

Isaac encolhia os ombros e respondia:

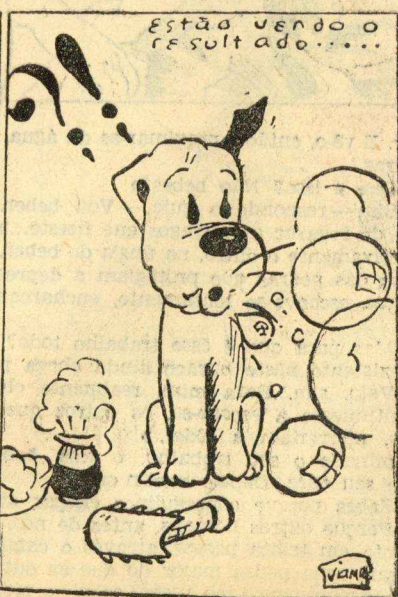
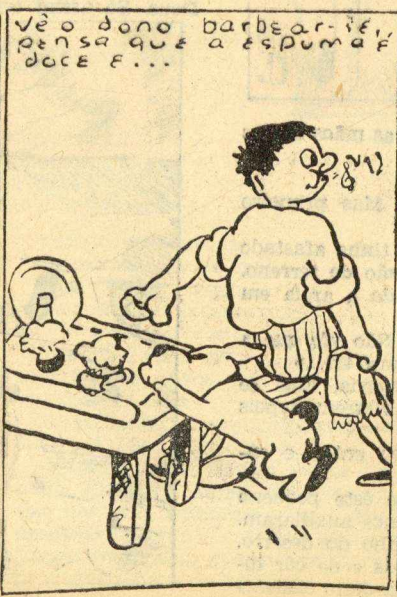
—«Um dia será! Um dia, quando você menos o esperar, verá que eu não sou tão sovina como para aí dizem e compro um bocado de sabão para lavar os «pingos!»

Passaram-se meses, acabou o ano e

(Continua na página 5)



« TÓTÓ » GULOSO



A HISTÓRIA DA AVÓZINHA

Por LEONOR DE CAMPOS

...E a Avózinha começou assim a sua história: Pelo extenso areal, torturados pelo calor do sol e pela sede, caminhavam dois viajantes. Há já alguns dias que encetaram a viagem. Os ôdres com água, que transportavam às costas, estavam esgotados.

Um deles caminhava com passo incerto. Mal podia ter-se nas pernas. De quando em quando, murmurava em voz fraca:

— «Acabou-se!... Vamos morrer de sede!...»

Mas o outro guia, seguro e experimentado, tenta incutir-lhe ânimo:

— «Não. Sossega!... Dentro em pouco encontraremos água...»

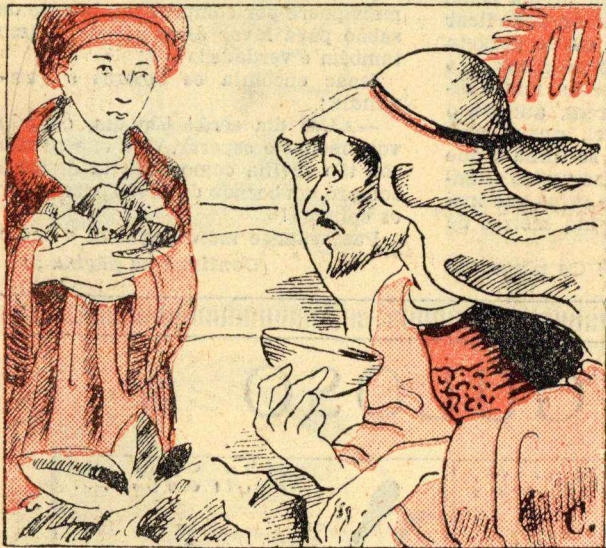
E assim se vão arrastando, arrastando, através o deserto sem fim.

De súbito, o guia pára, ergue as mãos ao céu, e exclama:

— «Água!... Alah seja louvado!...»

Um pouco mais adiante, há uma depressão de terreno pouco funda e estreita, onde há água. Em volta, algumas palmeiras protegem-na do ardor do sol.

O viajante, esmorecido, ganha alento. Corre a dessedentar-se e a encher o seu ôdre. E só nessa altura pensa no companheiro, que não bebeu ainda. Admirado, busca-o com



o olhar. E vê-o, então, aproximar-se da água, as mãos cheias de pedras.

— «Que é isso? Não bebes?»

— «Sim — responde o guia. — Vou beber. Mas primeiro preciso de reparar os estragos que fizeste...»

Efectivamente o outro, na ânsia de beber, tinha afastado algumas das pedras que protegiam a depressão de terreno. E a água escoava-se lentamente, enchando a areia em redor.

— «Mas para que é esse trabalho todo? Não vês que a água existente neste buraco ainda chega para ti?...»

— «Vejo, sim. Para mim, realmente chegaria. Mas se ela continuasse a escoar-se, os outros que viessem depois de nós, morreriam à sede...»

Terminado o seu trabalho, o guia bebeu então e encheu o seu ôdre. Depois continou:

— «Sabes porque conseguimos chegar até este pequeno pântano? Porque outros homens, antes de nós, nos auxiliaram. De trinta em trinta passos, através o caminho do deserto, colocaram uma pedra maior do que as outras e de cor diferente. Assim, pouco me custou seguir a pista deste oásis...»



— «Mas, quando há tempestades de areia, algumas dessas pedras ficarão soterradas!...»

— «Sim, sucede isso, por vezes. Mas, então, o viajante consciencioso e bom, procurará em volta de si uma pedra que às outras se assemelhe e colocá-la-á onde ela devia estar.»

O outro ficou silencioso, durante alguns instantes. Em seguida dirigiu-se ao companheiro, abraçou-o e disse:

— «Obrigado, meu amigo. Foi preciosa a lição que me deste. Nunca mais a esquecerei!...»

Calou-se a avózinha. Em volta dela, os pequenos, muito atentos, as boquitas entreabertas, pareciam esperar mais. Então, a velhinha interrogou o mais velho.

— «Dize-me, Vasquinho, gostaste da história?»

— «Gostei, sim, avózinha.»

— «Mas percebeste o seu alcance?»

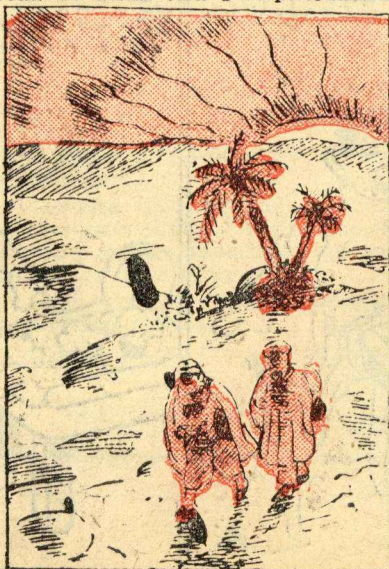
— «Parece-me que sim...»

— «Então, dize-me cá: Porque motivo agradeceu o viajante ao guia, a lição que lhe dera? Porque era preciosa essa lição?»

Vasquinho concentrou-se uns momentos. E depois, em voz segura, respondeu:

— «Porque, avózinha, ele aprendeu assim que neste mundo todos devemos ajudar-nos uns aos outros.»

— «E' assim mesmo, Vasquinho. Aquê que atingiu o pântano no deserto — isto é, aquê que alcançou na vida uma situação superior — deve lembrar-se dos outros, facilitar-lhes o caminho para lá, e nunca esgotar a água que ele contém. Só assim será estimado e protegido por Deus. Só assim terá o respeito dos outros homens.»



O egoísta, aquele que só pensa em si próprio, é um ser inferior, que pode ser nivelado aos animais irracionais. Perceberam?

— «Eu cá percebi — respondeu a Terrezinha, muito espetivada. — As pessoas que pensam só em si, são como as galinhas, quando vou deitar-lhes milho, ou como os porcos, quando a Ana lhes dá de comer. Não é assim?»

— «Pouco mais ou menos, meu amor. Agora, dêem-me um beijo e vão brincar...»



COSTUMES PORTUCUESES

TIPOS DA ESTREMADURA



T. PINO

Estremenhos, tipos rudes,
mas saudáveis, de bom fundo,
cujas excelsas virtudes
são raras em todo o mundo.

Eles de faixa, colete
e camisa de algodão,
orla verde no barrete
e de varapáu na mão;

sapatões de cabedal,
de calção e meias brancas...
Elas de saia, avental,
chinelinhas ou tamancas.

SOVINICES dum JUDEU

(Continuado da página 3)

o judeu Isaác lá continuava sem lavar os pingos.

Mas um dia — era dia de Ano Bom — o seu compatriota entrou no casebre e viu Isaác descalço.

— «Bravo, seu janota? Viva o luxo! Isso é que se chama começar o Ano

Novo por uma grande reforma. Temos pingos novos, seu Isaác! Aude mostre-mos lá!»

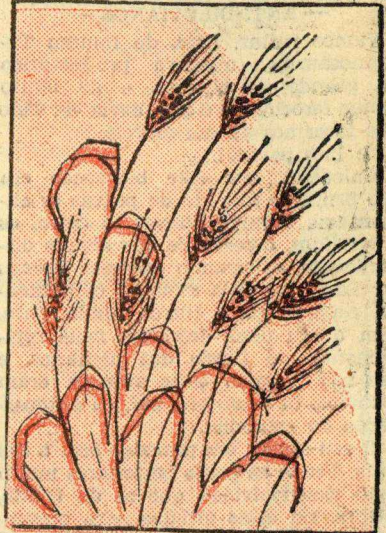
Isaac, então, um pouco atrapalhado, elucidou o seu compatriota.

— «Está o meu amigo muito enganado. Eu era incapaz de começar o ano por uma extravagância... Estou descalço porque — enfim — vendi os pingos para, com esse dinheiro, comprar sabão para os lavar...

OS NOSSOS CONCURSOS

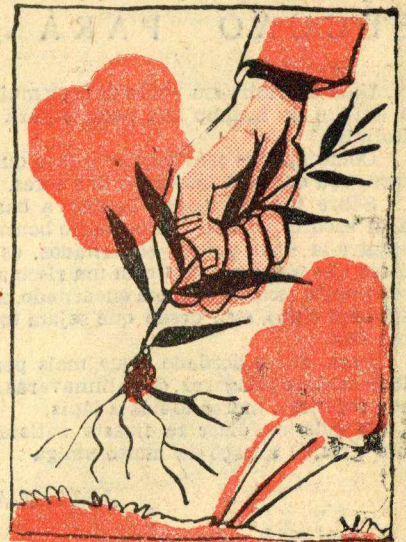
ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

Por JOSINO AMADO



A verdade é grão de trigo,
Em vão mentiroso a enterra;
Ressuscita do jaz...
E volta a erguer-se da t....!

Por isso, nunca minteis,
Porque lá diz o ditado:
«Mentiroso agarr...
Antes que coxo cans...!»



A arrancar grande sobreiro
Até gigante se cansa,
Mas se é pequeno, rast....,
Arranca-o mão de cri....!

Pois os vícios, tal-qualmente
Da terra ou do coração,
Arrancareis fácilm....,
Emquanto novinhos s..!

O TYRANOSAURIUS

ANIMAIS PRE-HISTÓRICOS

— ANTI-DILUVIANOS —

Vamos tratar, hoje, do famoso Tyrannosáurius, monstro pré-histórico de grande corpulência e de muito maior ferocidade, o qual devia ter dado que fazer aos da sua espécie.

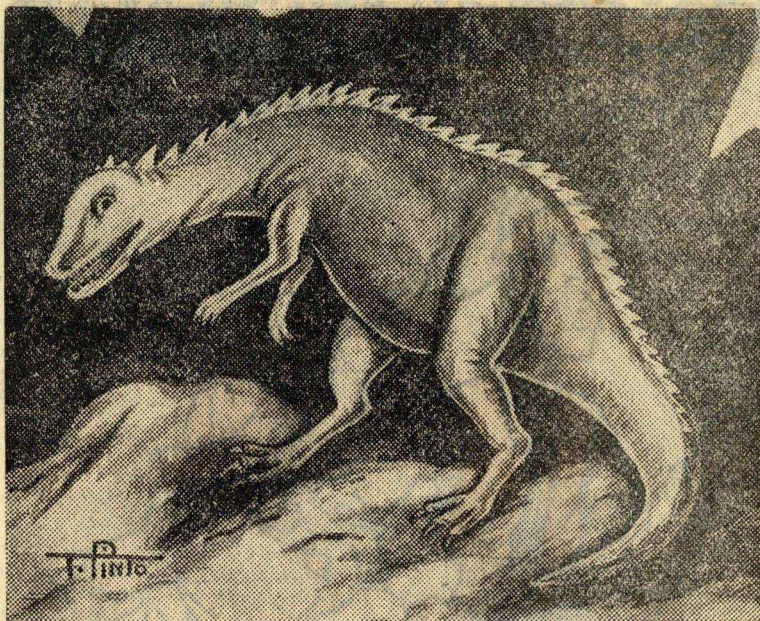
Se lhes parece!

Calculem, que este bicharoco era tão brútnho que até de pedras se alimentava, segundo diziam, é claro, os entendidos, a-pesar de que alguns discordavam, afirmando que elas apenas serviam para lhes esmagar os alimentos na barriga, e cutros, ainda, para, com o seu peso, descerem mais rapidamente ao fundo dos pântanos, e dos rios; porque estes animais eram anfíbios, devendo ser, até, os antepassados do crocodilo.

O seu andar, era parecido com o das aves. Tendo as patas posteriores muito mais desenvolvidas que as da frente, utilizavam estas últimas para prevenção e defesa. Todas elas eram providas de três fortes garras.

Tinha, por último, no dorso, uma serrilha que o ajudava a dar um aspecto pouco tranqüilizador.

E aqui tendes, amiguinhos, o retrato



dêste figurão engraçadinho se fôsse do tamanho da gravura, para se pôr sobre

uma mēsa, mas sem graça nenhuma em tamanho natural. Livra!...

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Uma barrinha em ponto de cruz muito simples, é o enfeito do fatinho que pediste para a tua mana Rolinha.

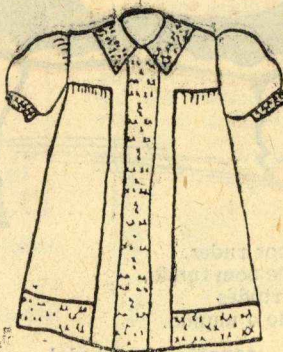
Como apenas irás bordar o fato que a tua Mãe fará, vou dar-te a indicação das côres.

Sôbre branco, podes bordar a barra tôda em azul escuro, porque ficará muito bonita, ou então, salpicá-la com pontos encarnados, os quais serão êsses que vão marcados com um risco ao meio. Esses pontos ficarão bem em encarnado, amarelo, verde, azul claro, etc., desde que sejam todos da mesma côr.

Para que o bordado fique mais perfeito, deves fazê-lo sôbre talagarça, que alinhavarás ao tecido, ou, se preferires, marcá-lo-hás a lápis.

Manda-me dizer se ficaste satisfeita e recebe um grande abraço da muito amiga

ABELHA-MESTRA



```

X X X   X X X
X * X   X * X
X X X   X X X
    
```

```

X X X   *   X X X
X * X   X * X
X X X   X X X
    
```

```

X X X
X * X
X X X
    
```

```

X X X   X X X
X * X   X * X
X X X   X X X
    *
X X X   X X X
X * X   X * X
X X X   X X X
    
```

```

X X X
X * X
X X X
    
```

```

X X X   X X X
X * X   X * X
X X X   X X X
    *
X X X   X X X
X * X   X * X
X X X   X X X
    
```

```

X * X
X X X
    
```

```

X X X   X X X
X * X   X * X
X X X   X X X
    *
X X X   X X X
X * X   X * X
X X X   X X X
    
```


CURIOSIDADES

A D I V I N H A

O VOO DAS AVES

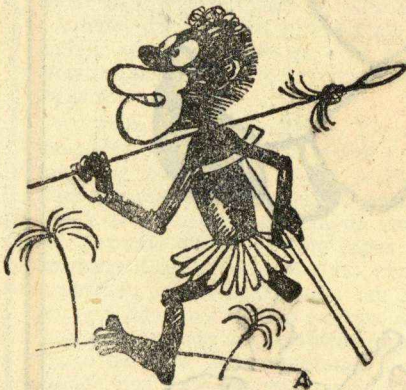
Recentemente, foi publicado o resultado de uma série de observações feitas para averiguar a que altura se elevam as aves no seu vôo.

O senhor Hergenssell de Estrasburgo, observou uma águia que voava a 2.745 metros de altura



Alguns aeronautas encontraram corvos a 1.200 metros sobre o nível do solo.

Estas são, todavia, alturas excepcionais, pois que, em regra, a altura de 400 metros é a máxima.



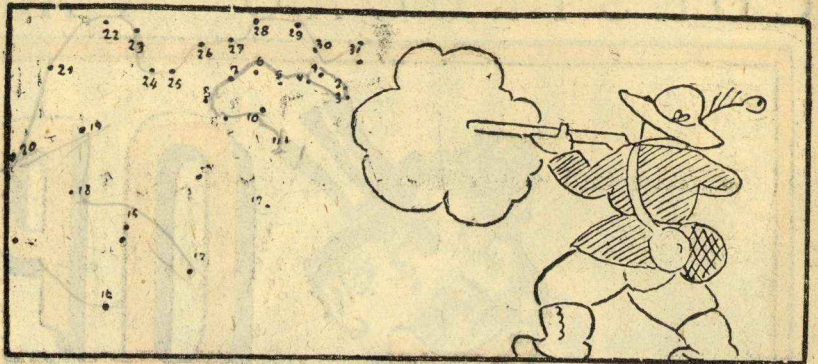
A INSENSIBILIDADE DOS PRETOS

Os negros africanos são muito pouco sensíveis à dor, como é sabido de todos os europeus que têm vivido entre eles.

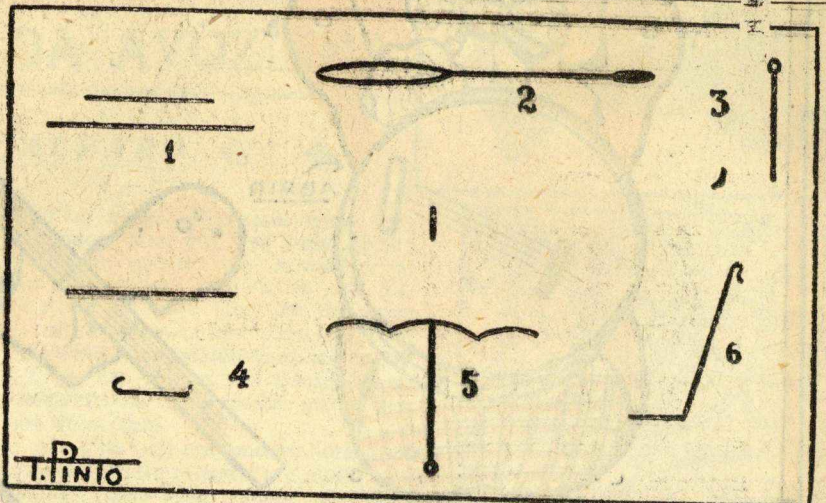
As feridas também lhes doem muito pouco e cicatrizam rapidamente.

Um negro a quem amputaram um pé, deixou o leito imediatamente após a operação e andava como se nada lhe tivesse sucedido, à parte o coxear.

Um outro negro, a quem cortaram três dedos, um dia depois da amputação, executou trabalhos bastante pesados, utilizando, com perfeito à vontade, a mão mutilada.



Meus meninos: — querem saber o que pretende matar este caçador?... Usam os números por um traço e encontrarão a chave do enigma.



T. PINO

DESENHOS INCOMPLETOS

Leitorzinhos. — Tendes aqui uns desenhos, mostrando uns traços sem significação.

Porém, se acrescentardes outros a estes e, nos sítios respectivos, é claro, umas semi-circunferências, vê-los-eis tomar uma forma definida.

Experimentem, pois:

O n.º 2, a forma dum brinquedo;

O n.º 1, tomará a forma dum objecto usado pelos cavaleiros;

O n.º 3 representará um utensilio de pescadores;

O n.º 4 um objecto de cozinha;

O n.º 5, um outro objecto usado nas intempéries;

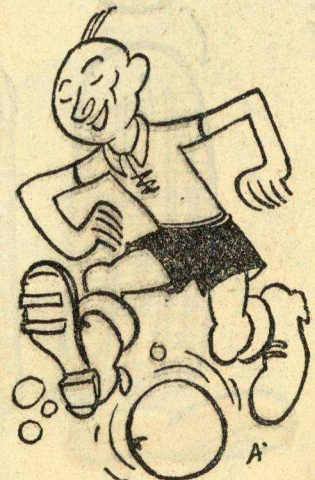
E, finalmente, o n.º 6, representa também um utensilio de cozinha.

O FUTEBOL

O mais violento e também o mais generalizado de todos os desportos é, sem dúvida, o futebol.

Segundo a opinião dos entendidos, ele põe em exercício todos os membros do nosso corpo (de quem o pratica, está visto) fortificando-os e desenvolvendo-os.

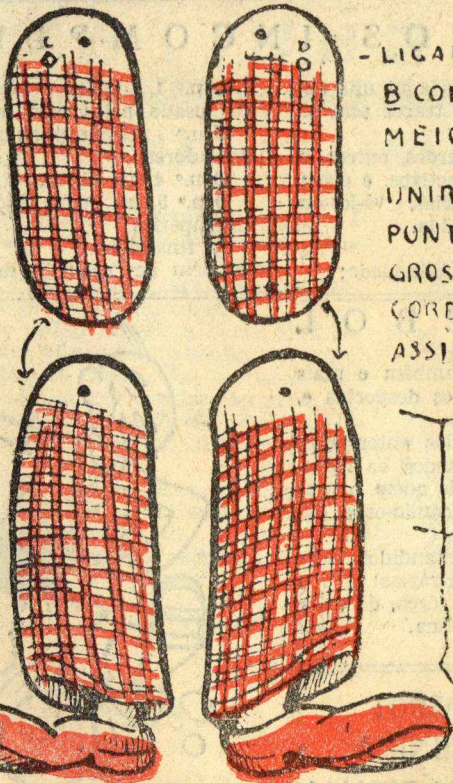
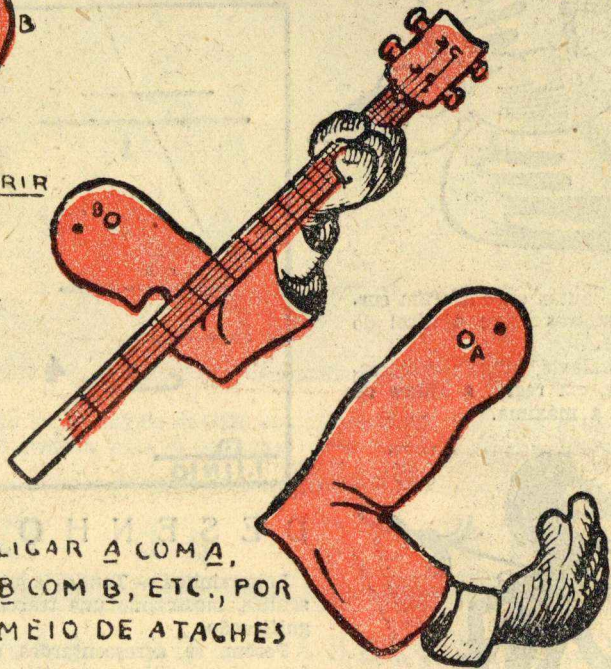
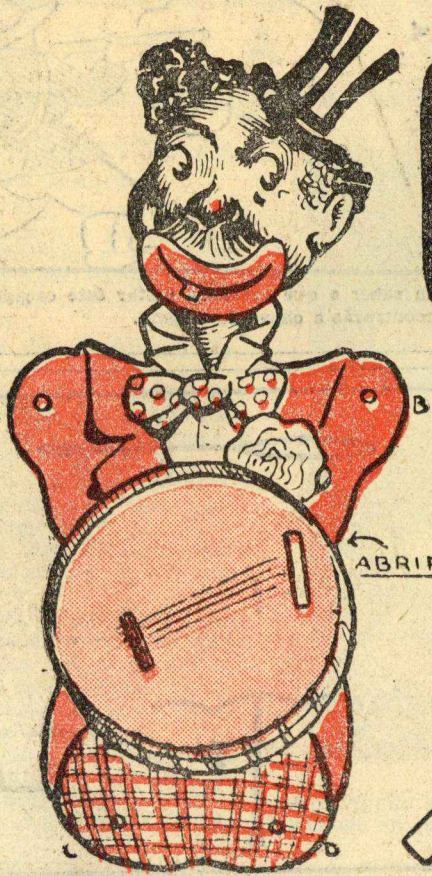
Dizem, também, os entendidos, (embora haja opiniões contrárias) que o futebol é o desporto da força, do valôr e, sobretudo, da disciplina.



NO PRÓXIMO NÚMERO:
«LÊ MINHA MENINA...»
NOTICIA SENSACIONAL

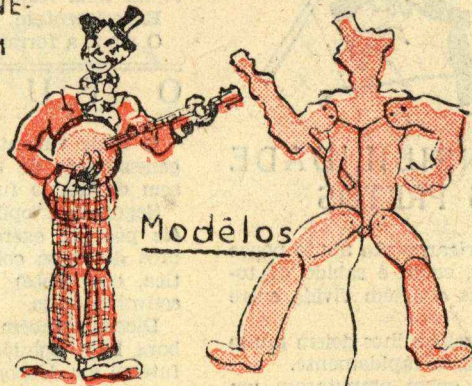
CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

O PRETO "CLOWN"



- LIGAR A COMA, B COM B, ETC., POR MEIO DE ATACHES

UNIR ENTRE SI OS PUNTOS NEGROS COM CORDEIS, ASSIM:



DE FRENTE
E EM REPOUSO

DE COSTAS
E EM MOVIMENTO

A. Ta Verde